

A felicidade sob a ótica de Santo Agostinho em tempos de pós-modernidade

Happiness from the perspective of Saint Augustine in postmodern times

* Rodolpho Raphael de Oliveira Santos

Resumo:

O anseio humano pela felicidade é intrínseco à sua natureza. Vivendo em uma sociedade dinâmica e em constante mudança, o indivíduo se vê imerso em transformações identitárias que o levam a buscar significados mais profundos. Este artigo se propõe a explorar o conceito de felicidade (Beata Vida) segundo a perspectiva de Santo Agostinho, contrastando-o com os desafios contemporâneos da pós-modernidade. Utilizando uma abordagem metodológica baseada em pesquisa exploratória de natureza bibliográfica, foca-se nas obras do filósofo, teólogo e Santo da Igreja Católica, cuja vida foi dedicada a investigar por que todo ser humano anseia pela felicidade e o que verdadeiramente o impulsiona a buscá-la. Para Santo Agostinho, a vida feliz reside em viver em Deus, de Deus e para Deus, um conceito que ressoa profundamente em meio às complexidades do mundo contemporâneo em constante evolução.

Abstract:

The human quest for happiness is inherent to its essence. Living in a society that is constantly changing and undergoing identity transformations prompts individuals to seek deeper meanings. This article aims to explore the concept of happiness (Beata Vida) through the lens of Saint Augustine, contrasting it with the contemporary challenges of postmodernity. Employing an exploratory, bibliographical research methodology, the study draws from the works of the philosopher, theologian, and saint of the Catholic Church, who dedicated his life to understanding why every human being desires happiness and what truly motivates them to pursue it. According to Saint Augustine, true happiness lies in living in God, from God, and for God—a concept that resonates deeply amidst the complexities of today's ever-evolving world.

Keywords: St. Augustine; happiness; modernity; God

Palavras-chave: Santo

Agostinho; felicidade; pós-modernidade; Deus

* Mestrado em Computação, Comunicação e Artes pela Universidade Federal da Paraíba . Especialista em Mídias Digitais, Comunicação e Mercado pelo Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos - CESREI (2014); Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU (2020) e ABA - Análise Do Comportamento Aplicada pela Faculdade Conexão - Grupo Prominas.

Texto enviado em

06.07.2024

Aprovado em

22.04.2025



Introdução

Durante o curso da história, a busca incessante pela felicidade tornou-se uma constante na experiência daqueles que a aspiram, independentemente do contexto ou realidade em que vivam. Ao integrarem-se à sociedade, esses indivíduos humanos começam a compreender que sua existência, até o último suspiro, está fundamentalmente ligada a um propósito maior: a busca pela ‘vida feliz’.

Na perspectiva filosófica, a felicidade emergiu como um tema de significativa relevância que atravessa desde a antiguidade até a contemporaneidade, abrangendo mudanças sociais significativas. Estes indivíduos fazem parte de uma sociedade mediatizada, moldada pela era globalizada e pelas tecnologias digitais que influenciam as relações humanas, conforme conceituado por Bauman através do conceito de ‘relações líquidas’, destacando a fragilidade dos laços humanos.

A compreensão dessas relações permite-nos também entender a própria existência humana, o sentido de existir e sua finalidade associada à felicidade, conceitos que estão intrinsecamente ligados às concepções éticas e seus critérios como referenciais de conduta. Assim, pensar na felicidade e perseguí-la pode ser uma das práticas mais desafiadoras, dada a sua relação com a verdade que buscamos alcançar na vida.

É fundamental destacar que a filosofia agostiniana floresceu em um ambiente permeado por discussões teológicas, explorando temas como o bem e o mal em sua natureza, além de conceitos como liberdade, felicidade e verdade.

Dentro dessa perspectiva, surgem várias questões: é possível encontrar a verdadeira felicidade em tempos de relações líquidas e na era tecnológica? A concepção de felicidade no mundo contemporâneo difere ou se assemelha à proposta por Santo Agostinho? Quais são as motivações humanas na busca pela felicidade? E a pós-modernidade coloca novamente o homem no centro da discussão sobre a felicidade?

Buscando respostas para essas questões, o presente estudo investiga o conceito de felicidade (*Beata Vita*) sob a ótica de Santo Agostinho, contrastando com as realidades da pós-modernidade. Este problema é tão antigo quanto a humanidade e tem inquietado Santo Agostinho ao longo de sua obra literária. A

relevância deste estudo é evidente ao observarmos que a busca pela felicidade tem se manifestado de diversas maneiras na busca e posse de bens temporais e passageiros, influenciando na construção de uma sociedade consumista, materialista, imediatista, hedonista, utilitarista e egocêntrica. Isso fundamenta uma crise de identidade do homem consigo mesmo, com a sociedade, o mundo e a verdade.

Agostinho sustenta que a vida feliz (*beata vita*) consiste na posse do sumo bem, identificado como Deus, tornando a busca pela felicidade uma busca por Deus. Em relação à sua relevância acadêmica, esta pesquisa estimula a autorreflexão entre estudantes, professores e filósofos sobre as diferentes concepções de felicidade ao longo da história, com foco na filosofia de Santo Agostinho e sua aplicabilidade na geração atual.

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica que utiliza a obra ‘*Beata Vita*’ de Santo Agostinho como fundamento teórico, estruturando-se da seguinte forma: o Capítulo 2 explora a busca contínua do homem pela felicidade à luz de Santo Agostinho de Hipona; o Capítulo 3 aborda as perspectivas do pensamento filosófico de Agostinho e suas repercussões; o Capítulo 4 discute o conceito de felicidade sob a ótica de Santo Agostinho, com base em suas obras ‘*Beata Vita*’ e ‘*Confissões*’. O Capítulo 5 detalha a metodologia empregada, seguido pelo Capítulo 6, que reflete sobre a aplicabilidade da filosofia agostiniana da felicidade nos tempos pós-modernos. Por fim, as Considerações Finais retomam as discussões e perspectivas apresentadas ao longo do texto.

1. A procura constante do homem pela felicidade

A procura constante pela felicidade na sociedade pós-moderna é sinal de que grande parte dos indivíduos tem dado um rumo diferente a esse sentido. O individualismo tem nos aproximado cada vez mais de uma pseudo-felicidade e, ao mesmo tempo, tem nos separado da verdade.

Portanto, quando se tem a meta que é alcançar a felicidade em um aspecto subjetivo, ela mesma se torna fracassada. Para corroborar com esta afirmativa, Santo Agostinho nos alerta, que é vão confiar que a felicidade está acoplada exclusivamente em nossos esforços, e é por isso que quando pensamos desta forma, acabamos por cair numa procura desenfreada por ela.

Como contribuição, Sangalli nos aponta:

Atendo-se à felicidade como mero estado de consciência ou aos conteúdos provenientes de condições e bens temporários de uma sociedade consumista como a atual, o máximo que se consegue é a sensação de estar próximo de uma vida feliz. São apenas determinados momentos de felicidade possíveis nesta condição existencial humana (SANGALLI, 1998, p.9)

Pode-se evidenciar nesta discussão a comercialização da felicidade, que nos dias atuais, tem se tornado algo comum, principalmente quando se cria um discurso imagético e identitário de produtos ou serviços associados à promessa da felicidade, alegria, beleza e ou prosperidade. Durozoi e Roussel nos afirma:

Com as tentações que se impõe, a sociedade contemporânea mostra bem a função ideológica da felicidade, que aparece como um mito que mascara um certo número de contradições sociais: o consumo à guisa de felicidade, ao invés de garantir a plenitude do ser, lança o indivíduo numa busca febril e sem fim. (DUROZOI E ROUSSEL, 2005, p. 185)

Neste sentido, o espectro agostiniano que vincula a Eudaimonia plena à posse da verdade, adota dimensões legitimamente determinantes no que diz respeito o contraponto às ideias materialistas e subjetivas de felicidade que estão presentes em meio à nossa cultura. Por sua vez, o que Santo Agostinho nos diz em torno da probabilidade de concretização da vida feliz revela uma nova face em virtude das disposições adotadas, especialmente no período greco-romano, assim como no neoplatonismo plotiniano.

Uma vez que Santo Agostinho medita a apropria-se da Filosofia greco-romana, onde suas perguntas em torno da felicidade recebem respostas diferentes por parte de seu antecessores, vai constituindo um caminho a partir das contribuições dos filósofos que vem desde Platão, ao ensinar que a felicidade seria a harmonia da alma e que ela poderia ser alcançada à luz de uma vida plenamente dedicada a um tipo de conhecimento que nos aponta para o bem; seguido de Aristóteles que entende a vida feliz como o bem-estar ou uma perspectiva de prosperidade como objetivo último na vida prática; Cícero no estoicismo que concebe a felicidade como consequência de uma vida pautada na razão e na vontade; e Plotino que defende a felicidade como vida segundo a natureza intelectual da alma humana.

Agostinho, desta forma, vai constituindo a presença do Eudaimonismo que é o ‘bem final’, do *telos* do homem. Holte (1962) p. 14, entende a diferença que

existente entre o eudaimonismo da tradição greco-romana e o Eudaimonismo de Santo Agostinho como aquele relacionado à autarquia e a contemplação do próprio conhecimento intelectual perfeito (para os estoicos), além da virtude (para Aristóteles).

Na sua concepção, o significado etimológico seria amplo, podendo se tratar de progressos exteriores a bem-estar material. Relaciona-se ainda à riqueza ou à experiência mística de Deus.

Sobre a perspectiva eudaimônica, Santo Agostinho nos diz:

Não há razão para o homem filosofar senão para que seja feliz; e o que faz com que este seja feliz é o fim bom; não há, por conseguinte, nenhuma causa para o filosofar, salvo a meta do bem; por essa razão, aquela que não segue o fim bom não pode ser dita seita filosófica (De civ. Dei, XIX, 1,3)

Para o filósofo, o único motivo que leva o indivíduo a fazer filosofia seria o desejo de ser feliz, e o que o torna feliz é a meta do bem. Observa-se que, para o Santo Agostinho, a busca pela Beatitude, que se apresenta como o bem final a ser possuído, é o que move o homem a tentar sair da sua ignorância e atingir a verdade que está acessível a todos, não existindo assim, nenhuma barreira entre ele e o homem.

Partindo desta premissa, Santo Agostinho aponta que o centro da problemática sobre a felicidade seria o interior do homem e este por sua vez, deveria fazer do egoísmo algo evitável, bem como, a presunção de acreditar que a beatitude depende exclusivamente dele.

Desta forma, o homem estabelece-se como condição para a felicidade, sendo necessário voltar-se para si mesmo. E este voltar, passaria além do autoconhecimento socrático, tendo em vista que, na perspectiva de Sócrates, tal questão estaria na própria vida racional.

Gaarder (1995), por sua vez, aponta que os indivíduos tendem a contrastar ao conhecimento e conseguintemente à felicidade. Para o autor, a fantasia dos prazeres torna-se mais facilmente oportuna que o duro percurso do conhecimento, capaz de permitir uma vida feliz. O filósofo Platão também fazia o mesmo alerta em sua alegoria da caverna:

E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua cesta e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria se pudesse fazê-lo? (PLATÃO, 2004, p. 228).

Tais aspectos, nos fazem compreender que o novo cenário constituído pela sociedade pós-moderna, tem causado uma grande inversão de valores e uma crise de identidade no homem, pois a verdadeira felicidade tem ficado abafada e confundida. Assim, para ter a felicidade plena, o homem deve abdicar das ilusões dos sentidos, seguindo um rumo ao mundo ideológico, pois é dessa forma que ele passaria a alcançar o conhecimento acerca da realidade tendo em vista que as ideias possuíam a eternidade e imutabilidade.

2. O pensamento filosófico de Santo Agostinho

Santo Agostinho não construiu um sistema filosófico como o de Platão. Embora que o seu pensamento e suas ideias basilares mantivessem centradas e apontassem um forte predomínio platônico.

Para ele, existia na ação filosófica a probabilidade de dar resolutividade aos problemas, sendo assim, o cristianismo o elemento norteador para dar a solução por completa no que diz respeito as questões, apontamentos e inquietações elevadas por esta ação conforme vemos nos respectivos trechos das Confissões e da Trindade:

Onde encontro a verdade, aí encontrei meu Deus, a própria Verdade. Desde que a conheci, nunca mais a deixei de conhecer. Por isso, desde que vos conheci, permanecis na minha memória, onde Vos encontro sempre que de Vós me lembro e em Vós me deleito. São estas as minhas santas delícias que, por Vossa misericórdia, me destes, ao olhádes para a minha pobreza (Conf., II, 10,24).

E ainda:

A fé em Deus é imprescindível à vida mortal, tão cheia de erros e tribulações. É impossível, encontrar bens, principalmente os que tornam os homens bons e felizes, se não vierem de Deus para o homem e não aproximarem homem de seu Deus (De Trin., XIII 7,10).

É nítido que com o crescimento do cristianismo, temáticas que até então constituíam parte do exercício filosófico passaram a sofrer algumas mudanças. Agostinho, por sua vez, recém-convertido, e disposto a ler os escritos filosóficos e refletir sobre eles, realiza a leitura de Platão, que posteriormente passa a exercer grande influência sobre seu pensamento e de toda a Idade Média.

Os subsídios filosóficos de Santo Agostinho no que diz respeito a questão da felicidade se tornaram significativos para a filosofia antiga em sua culminância, como também serviram de impulso crucial na constituição da filosofia cristã no período medieval. Nesta perspectiva, Sangalli nos diz:

Mesmo movendo-se em direção a um novo contexto marcado pela revelação cristã e pela Teologia, Agostinho mantém-se dentro de um paradigma intelectual, que herdou do pensamento grego via Roma, na determinação e na atitude para o conhecimento, na qual é baseado o conceito central de beatitude (SANGALLI, 1998, p.144)

Desta forma, Santo Agostinho segue seu desígnio, tanto com seu método de apuração, como também no seu espírito filosófico em meio as aspirações religiosas, amparando-se na perspectiva da fé e razão respectivamente:

[...] o homem não tem razão para filosofar, exceto para atingir a felicidade (*Cidade de Deus*) [...] a filosofia é, assim, entendida como disciplina que coloca problemas à estrutura do universo físico ou à natureza dos deuses, mas como uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude” (PESSANHA, In: AGOSTINHO, 2004, p. 12-13)

Ao unir fé e razão, Santo Agostinho comprova a manifestação de Deus sobre a humanidade, que podemos caracterizar como teofania. Tal revelação se dá no ser humano de forma plena tendo em vista que Deus é “Aquele que é”.

Para SANTOS (2016), o filósofo de Hipona acreditava em um Deus perfeito e este, por sua vez, fazia da criação e suas criaturas fontes perfeitas. Todas elas eram vistas como um bem, por serem obras da concepção divina, que é o Bem por natureza e excelência. No entanto, tais coisas criadas terminam constituindo graus de perfeição e por isso são bens relativos, enquanto Deus, para ele é o sumo bem. Ou seja, elas são corruptíveis, enquanto Deus é eterno’.

Seu pensamento permeava o viés epistemológico onde o conhecimento seria o fruto da iluminação divina; seguido da metafísica que estava fundamentada em Deus como o criador livre de todas as coisas e na existência

do mal como fruto da desobediência humana. Outras vertentes abordadas pelo filósofo é a concepção ética, que é fundamentada dentro da perspectiva entre o homem com Deus e o próximo. Ainda sobre a santidade que é a virtude última cristã a ser alcançada com o dom da graça divina pressupõem a fé que se torna um elemento essencial da moralidade. Sendo assim, a condição para a compreensão da obra de Deus e dos seus mandamentos.

Para Agostinho não há dúvida de que a liberdade do homem é o serviço fiel e ao mesmo tempo a fé incontestável à Deus. Pois, ser livre sob sua ótica é servir a Deus e submeter-se ao plano divino por meio da faculdade da alma que nesta perspectiva seria o livre arbítrio. E assim sendo, seria o melhor possível que o homem poderia realizar. Santo Agostinho como numa espécie de catarse entende que não é o homem que escolhe uma vivência de acordo com o que Deus quer, mas, é Deus que concede aos seus escolhidos o dom da fé. Onde os indivíduos podem escolher e praticar atos que corresponda adequadamente ao bem supremo. Esses pressupostos orientam a forma de Santo Agostinho fazer a sua filosofia e teologia.

3. A felicidade em Santo Agostinho

O que é ser feliz? Para responder a esta questão, Gilson, conjecturando que a *Beata Vita* consiste no gozo do que há de melhor para o ser humano e salienta:

O que é este melhor? O que há de melhor para o homem não pode ser inferior ao homem, pois querer o que é inferior é diminuir-se. Ao contrário, poder-se-ia dizer que o que há de melhor para o homem é o próprio homem, se não houvesse nada de superior a ele que ele pudesse gozar com a certeza de não mais poder perdê-lo” (GILSON, 2007, p. 23-24).

De acordo com Santos (2016), Santo Agostinho rompe com a tradição que abalizava a filosofia como o porto da *beata vita* e definirá a “posse de Deus” como ponto de chegada para a realização humana. Corrigindo-se, afirma que ‘não existe senão uma vida que mereça ser chamada de feliz: a vida futura’. Esta concepção por sua vez nos remete à beatitude, o sumo bem, portanto, a algo superior ao homem.

Ainda para o autor, a felicidade no mundo terreno promove uma metanóia e concomitantemente a uma vida devotada a Deus. Não se trata, no entanto, de uma felicidade plena, uma vez que este mundo continua sendo o lugar do que é corruptível, efêmero e passageiro.

Santo Agostinho por sua vez, define vida feliz:

[...] a vida feliz consiste no perfeito conhecimento de Deus. Por isso, ele não faz consistir a felicidade na posse ou no gozo de qualquer bem-criado, mas só na posse ou gozo do Bem absoluto e perfeito”, e ainda completa dizendo que “O viver em plena felicidade não é próprio desta vida mortal. Só o será quando aparecer a imortalidade... Sem a imortalidade não existe a felicidade”. (SANTO AGOSTINHO, 1998, p. 115)

Deus, na visão de agostinho, torna-se o princípio de tudo, e é exteriorizado muito bem pelo filosofo:

Eu nada seria, meu Deus, nada seria em absoluto se não estivesses em mim; talvez seria melhor dizer que eu não existiria de modo algum se não estivesse em ti, de quem, por quem e em quem existem todas as coisas? Assim é, Senhor, assim é. Como, pois, posso chamar-te se já estou em ti, ou de onde hás de vir a mim, ou a que parte do céu ou da terra me hei de recolher, para que ali venha a mim o meu Deus, ele que disse: Eu encho o céu e a terra? (SANTO AGOSTINHO, 2007, p. 115)

O principal texto de Santo Agostinho no que diz respeito a felicidade - Sobre a Vida Feliz -, permite-nos compreender a forma como ele abdicou de uma vida, considerada indigna e pode conduzir-se para uma outra, a vida virtuosa.

Tal obra nos conduz para o mundo do filósofo, onde seu coração palpitava ao ritmo da vida que desejava ardentelemente levar. É um diálogo, que nos traz alguns personagens por meio de uma simbologia. Dentre eles: Mônica, mãe de Agostinho, como a sabedoria; Navígio, irmão, um refutador que pouco aparece; Adeodato, filho, o inocente; e Licêncio e Trigécio, alunos, representando intuição e tranquilidade, sob o olhar da sabedoria e da experiência, respectivamente. De acordo com Souza (2015), nessa obra, ele cria a metáfora dos três navegadores, a fim de destacar o que seria a felicidade efetivamente, representada como sítio sólido para ancorar seus barcos.

O primeiro navegador utiliza a razão, o segundo apenas possui livros - ou seja, o bem material, crendo que tê-los é o suficiente - e, por fim, o terceiro se utiliza de sua experiência e dos sinais dados pelo mar para

superá-lo. Por meio dessa metáfora, o pensador representa a felicidade por meio do mar e do rochedo, local de ancoragem. Apenas o último atinge seu objetivo, pois os dois primeiros não visualizaram os sinais, dependendo apenas de seu conhecimento e bens materiais. (SOUZA, 2015, p. 21)

O próprio Santo Agostinho afirma que a todos aqueles que buscam a felicidade surge um obstáculo que consiste no orgulho e a paixão da vanglória (AGOSTINHO, 1998, p. 118).

Ele resplandece, está revestido de tão enganosa luz, que não somente aos que chegam e se encontram na iminência do ingresso se apresenta como terra amena, prometendo satisfazer suas aspirações à terra venturosa. De igual modo, cativa e alucina os que já se encontram no porto. Isso por sua bela altura de onde os que lá se encontram comprazem-se em considerar com desdém os demais. Entretanto, fazem sinais aos que se aproximam daquela terra para evitarem os escolhos ocultos na água. Ou, ainda, apregoam ser fácil a subida até o cimo onde se acham colocados. Indicam até com benevolência por onde devem bordejar sem perigo. Cheios da vanglória com que se pavoneiam, mostram aos outros um lugar de segurança no porto. Ora, que outro rochedo a razão indica como temível aos que se aproximam da filosofia do que esse, da busca orgulhosa da vanglória? Pois esse rochedo é oco interiormente e sem consistência (AGOSTINHO, De beata vita, 1,3)

Santo Agostinho deixa claro, a partir de sua trajetória, que galgou e trilhou esta navegação, e expõe as etapas pelas quais passou na insistente busca pela vida feliz que por sua vez, é Deus - a verdadeira vida, que vivifica a alma, para que ela possa vivificar o corpo. Agostinho também afirma em sua obra que ser sábio e “ser feliz não é outra coisa do que não padecer necessidades” (2014a, p.154). E ainda complementa logo em seguida com o conceito de sabedoria:

Cuja análise e aprofundamento a nossa razão tem-se consagrado até o presente quanto pode  dir-vos-ei que a sabedoria é simplesmente a moderação do espírito (modus animi). Isto é, aquilo pelo que a alma se conserva em equilíbrio, de modo a não se dispersar em excessos ou encolher-se abaixo de sua plenitude. Sem essa medida, a alma atira-se em excesso na direção dos prazeres, da ambição, do orgulho e de todas as outras paixões do mesmo gênero (AGOSTINHO, 2014a, p.154).

O filosofo ainda completa esse pensamento assegurando que é por meio destes bens temporários que os infelizes acreditam achar a felicidade,

rebaixando-se ao medo, às paixões e à tristeza por não conhecerem a *veritates*, encontrada apenas em Deus por meio da sabedoria.

Elá é uma espécie de luz inefável da mente. Luz comum, à medida que pode, nos indica como é aquela luz. Pois há alguns olhos tão sãos e vivos que, ao se abrirem, fixam-se no próprio sol sem nenhuma perturbação. Para esses a própria luz é, de algum modo, saúde, sem necessidade de alguém que lhes ensine, senão talvez apenas de alguma exortação (Sol., I, 13, 23).

Neste sentido, de acordo com Agostinho, para chegar ao conhecimento da sabedoria, faz-se necessário crer, esperar e amar. Tais elementos ‘não se conquistam de modo repentino’, pois segundo ele, os mesmos precisam ser ‘cultivados, ou melhor, exercitados no dia a dia’.

Mas como buscar Deus que na visão do filósofo é a felicidade além da sabedoria? Somente Deus é permanente e independente de todo o resto, pois apenas ele é eterno. De acordo com Santos (2017), ‘Agostinho apresenta duas hipóteses: a primeira seria pela lembrança de algo esquecido, ou a segunda pelo desejo de conhecer algo ignorado. A segunda hipótese, entretanto, é impossível, pois toda busca pressupõe um conhecimento de seu correlato’. Como todo conhecimento é armazenado na memória, a busca de Deus requer um conhecimento de Deus guardado na memória.

Gilson (2006, p. 19) corrobora e afirma que “aquele que tem Deus é, portanto, o único que teria a felicidade e, por conseguinte, o desejo de Deus é a única via que conduz à beatitude”. Neste sentido, há diferença entre a via (desejo de Deus, que se dá pela alma) e o objeto que proporciona a beatitude (Deus) e a beatitude em si (veremos que é se tornar semelhante a Deus, ao gozar de Deus)

Para Santos (2017), A busca da felicidade, portanto, é interior: ela tem o seu início na memória e exige um exercício de reflexão, tanto do sujeito que procura quanto do objeto procurado. Desse modo, cabe perguntar como o ser humano apresenta esse conhecimento da felicidade. Em Agostinho, há dois modos de ser feliz: “possuindo efetivamente a felicidade, ou possuindo-a apenas na esperança”. A verdadeira vida feliz é fundamentada na posse de fato

da felicidade, contudo, é possível ser feliz sem possuir a felicidade de fato, mas na esperança de um dia possuí-la.

Santo Agostinho, passa também a apelar à alegria como nostalgia e que se tem mais proximidade com a felicidade, contudo, ainda assim, não se comprehende a vida feliz como um simples prolongar da alegria, visto que existiam em meio às suas memórias, alegrias que na sua concepção eram pura ilusão, não podendo desta forma, serem adotadas como meios para felicidade.

No entanto, esta alegria, na visão de Agostinho, encontra-se também em Deus, que é a felicidade e a verdade. Para ele, somente buscando Deus, o indivíduo pode ser feliz. Pois, Deus permite-se achar na memória e nas ações, pois, ele é o sumo bem. E o homem por sua vez, pode assim, possuí-lo, bastando desta forma procurá-lo. Haja vista que nenhuma criatura pode viver sem seu criador. Desta maneira, faz necessário que homem volte para Deus. É importante ressaltar que a criação participa deste bem, mas é composta de entes participantes. Todas as coisas criadas são boas e apontam para o criador, pois são sinais impressos do amor divino.

Para Santos (2017). ‘Deus é o ser absoluto. Todos os outros seres são relativos. Nem deixam totalmente de existir nem existem totalmente. Deus é imutável e todas as outras coisas são mutáveis’; por isso, só Deus existe verdadeiramente. Se comparadas com Deus, as coisas não têm verdadeira existência. Elas existem por estarem vinculadas ontologicamente a Deus. Isto se dá porque para Agostinho, ‘a criação é um ato da vontade de Deus’. Gilson (2000 p. 175), afirma que a razão desse ato criativo seja a bondade divina, ele não é um efeito necessário dessa bondade. A vontade divina determina-se a si mesma. A criação é, pois, um ato livre de Deus’.

Não obstante, Agostinho enfatiza também a carência. Segundo ele, ela equivale a infelicidade, oposto da felicidade que é a na sua ótica a plenitude e que por sua vez, não significa abundância, mas medida e proporção exatas. Para ele, não há meio termo, não há meia infelicidade e ou meia felicidade.

Partindo desta premissa, segundo o filosofo, para ser feliz é necessário sair da ignorância e caminhar rumo à plenitude, que não pode ser confundida com abundância, tendo em vista que plenitude é a medida exata, ou seja, assim como o excesso não garante a felicidade, a carência, por sua vez, não conduz à vida feliz: de acordo com Agostinho, ‘se alguém, privado de sabedoria, padece

de grande carência, entretanto nada falta a quem possui a sabedoria. Segue-se que a estupidez é verdadeira carência’.

Neste contexto, se todo ser humano para ser feliz, precisa da sabedoria, que sabedoria seria essa? Agostinho responde que se trata da sabedoria divina tendo como base a primeira carta de Paulo à comunidade de Corinto. “Justamente aprendemos pela autoridade divina, que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus e o Filho de Deus, evidentemente, é Deus. Por conseguinte, é feliz quem possui a Deus.” (1Cor 1,24). Em um espectro teológico, Agostinho conduz tal discurso, que centra a sabedoria e a felicidade em Cristo - filho de Deus e Deus.

Desta forma, na visão do filósofo, Cristo se apresenta como a verdade e é apontado como a sabedoria de Deus capaz de gerar e garantir a felicidade eterna. Esta felicidade se dá por meio da unidade entre o pai, sua sabedoria encarnada no filho e pela ação do seu Santo Espírito - Comunhão trinitária cuja sabedoria é medida e verdade:

Por conseguinte, nunca houve Verdade sem Medida, nem Medida sem Verdade. Quem é o Filho de Deus? Já o dissemos e está escrito: “A Verdade!” Quem é aquele que não possui progenitor, a não ser a Suma Medida? (o Pai). Logo, todo aquele que vier à Suma Medida pela Verdade será feliz. E isso é possuir a Deus na alma, gozar de Deus. Quanto às outras coisas criadas, Deus as possui, mas elas não possuem a Deus. (AGOSTINHO, Ibid. IV, 34:)

Gilson (2006, p. 22) aponta por sua vez que essa beatitude (felicidade) só é alcançada no Pai (Medida), por meio do Filho (A Verdade) e nos indaga o que seria apoderar-se da sabedoria. O que para ele seria: apoderar-se de Deus pelo pensamento, isto é, gozar dele.

A argumentação de Santo Agostinho para comprovar tal ideia está na Sagrada Escritura, em João 14,6, onde o próprio Cristo afirma: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Agostinho aponta categoricamente que dentro desta perspectiva, a humanidade deve aprender pela autoridade divina, que o Filho de Deus é precisamente a Sabedoria de Deus; e o Filho de Deus, evidentemente, é Deus. (2014a, p.155)

Neste sentido, aquele que ainda está em busca de Deus, não chegou até Deus, mas vive bem. Para Agostinho, ‘nem todo aquele que vive bem possui,

por isso, a Deus, pois o mais correto seria dizer que aquele que vive bem possui a Deus como amigo benévolos, e aquele que vive mal, como alguém que vive distante'. Ainda segundo o filosofo, 'enquanto estivermos em sua busca, somos forçados a reconhecer que ainda não nos saciamos da água dessa fonte. Ainda não possuímos a plenitude'.

A felicidade, assim, deve ser procurada não pelo esforço individual do indivíduo, mas pela ação da graça de Deus como meio que permita gozar a felicidade através da fé consolidada, à alegre esperança e a caridade.

Tais virtudes na tradição tidas como teologais, podem desta forma nos fazer chegar a verdade e a felicidade respectivamente. Desta forma, tais virtudes nos levam a observar que:

Fé é a certeza daquilo que não se vê": cremos, mesmo não sendo evidente à razão. Na vida eterna, quando contemplarmos a Deus face a face, não haverá mais a necessidade da fé. A esperança é a expectativa que a própria fé já incute naquele que espera um dia chegar a esta contemplação. Quando esta for atingida, não haverá mais a necessidade dessa virtude. Na eternidade não há esperança, visto que a contemplação de Deus face a face se traduz com o próprio amor a Deus. A caridade é a virtude que nos leva a contemplar o próprio Deus. Desta forma, ao viver como sábio, o homem é capaz de amar a seu próximo e amar ao bem que é Deus, desinteressadamente, já que a prática sincera deste amor oferece as condições mínimas necessárias para a realização desta contemplação, geradora de uma posse da eternidade. O homem ama o que é eterno. (SANTOS, 2016, p.52)

Agostinho entende a ideia de que a beatitude não depende apenas do esforço humano. Mas, por meio da "graça" divina que se faz necessária para se alcançar a felicidade, não bastando, desta forma, somente o esforço humano, como sempre consideravam, Aristóteles, Platão, Cícero e tantos outros.

4. Metodologia

O presente estudo, tomou como base a perspectiva taxonômica proposta por GIL (2002), que aponta duas categorias para a metodologia da pesquisa científica: quanto aos fins e quanto aos meios. No que diz respeito os fins esta pesquisa foi desenvolvida com caráter exploratório, tendo em vista que "proporciona maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais

explícito ou a construir hipóteses”; seu objeto central é o “aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições” (GIL, 2002, p. 53).

Ainda segundo o autor este estudo exploratório pode ser constituído por meio de pesquisa bibliográfica, de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão” (Sellitz et al., 1967, p. 63).

Ao utilizar da pesquisa bibliográfica para este estudo, constituímos como percurso metodológico as seguintes etapas: escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema, elaboração do plano com busca das fontes plausíveis para tal temática, leitura e fichamento, organização lógica e redação do texto que iniciaram em janeiro de 2021 e tem sua culminância em julho do mesmo ano.

A princípio, foi escolhida a obra *Beata Vida*, de autoria do filósofo e teólogo Santo Agostinho de Hipona, sendo desta forma a fonte primária para esta pesquisa. Contudo, viu-se a necessidade de mergulhar adentro da sua literatura e assim, conhecendo as perspectivas dos seus escritos, especialmente: ‘Confissões’ e ‘Cidade de Deus I e II’ além da consulta evidentemente à outras obras, como as de comentaristas deste autor, seguindo de artigos, monografias e dissertações correlatos com a temática da felicidade sob a ótica deste pensador patrístico.

Para se chegar à análise bibliográfica e organização das ideias no que diz respeito à temática escolhida e ora apresentada, foi necessário a realização de um levantamento sistemático a partir dos textos escolhidos como espectro de sustentação de nossos argumentos. E embora tal temática tenha um viés tão amplo, conseguimos, pois, realizar um recorte cirúrgico para assim, dar respostas à problemática apresentada. É importante ressaltar que dentro do âmbito filosófico, utiliza-se o viés analítico, o que segundo Gil (2002) envolve o estudo e avaliação aprofundados de informações disponíveis, na tentativa de explicar o contexto de um fenômeno. Nesse modelo, o investigador estabelece hipóteses, examina e analisa fatos existentes e sintetiza as evidências dentro de um modelo teórico estabelecido. A análise crítica desses fatos é o que caracteriza esse tipo de pesquisa, conforme se observou neste estudo.

5. A felicidade de Agostinho na pós-modernidade: uma reflexão

A sociedade atual, tida por alguns filósofos como contemporânea e por outros como pós-moderna, a exemplo de Bauman, nos faz refletir acerca dos aspectos aos quais estamos vivenciando. Aspectos estes que vem se modificando a partir das mudanças de épocas a qual o homem tem acompanhado no âmago de sua alma e de sua vivência.

A modernidade trouxe consigo a liquidez das relações, sejam elas humanas ou sociais, da ciência ou do pensamento. Fez com que, os indivíduos vivessem uma era de volatilidade e de rapidez na informação, como também no seu processo interior que permeia tantas áreas, desde a afetiva à espiritual, da comunitária à intelectual.

A humanidade por sua vez, viu nos últimos anos o rompimento de uma sociedade sólida para uma sociedade líquida. Tal quebra paradigmática fez com que a busca pela verdade e pela felicidade se tornassem passageiras, quando na verdade, dentro do escopo agostiniano, entende-se que esta busca precisa ser inicialmente interior.

O capitalismo tornou a sociedade consumista, hedonista, capitalista e midiática. As plataformas de redes sociais, passam a nutrir uma falsa sensação de liberdade, seja ela de expressão ou manifestação. O homem se tornou refém do seu próprio coração, dos seus próprios sentimentos e das falsas ilusões de felicidade. Esta prisão, vai além do ser humano, faz com que a tecnologia se torne a extensão do seu corpo e de sua alma, que a redes sociais digitais se tornem a extensão da sua identidade, pois estes acreditam que podem e devem ser encontrados na rede quando menos esperam. O fato é que o homem rompe a realidade do real e passa a viver a realidade do digital, onde se constrói uma persona que os outros gostariam de ver e conhecer.

O trilhar da vida feliz trazido por Santo Agostinho, nos faz entender e perceber que o homem precisa abdicar de si mesmo, esvaziar-se. Pois, a felicidade não se manifesta de forma única e exaustiva. Pelo contrário, no decorrer da vida da humanidade a felicidade vai se revelando nas pequenas coisas, mesmo quando elas ainda não estão disponíveis. E assim, o homem pode experimentar da vida e das diversas formas de felicidade.

Na ótica de Santo Agostinho, ser Feliz é estar preenchido de Deus, é estar totalmente em Deus, é abandonar-se nas mãos de Deus, é a tomada da decisão de esvaziar-se de si, para abastecer-se da graça de dEle, pois apenas Ele existe verdadeiramente e todas as demais coisas, incluindo a humanidade é passageira.

Tal verdade, transcende! Pois ela acolhe todos aqueles que amam e além de se dar sem perder coisa alguma, ela não tem nenhuma semelhança com os objetos dos sentidos. Santo Agostinho oferece já na antiguidade o conceito de uma felicidade mais íntima, longe do conceito de Eudaimonia proposto por Platão. Para ele, ‘cada indivíduo pode realizar suas escolhas por meio do livre-arbítrio dado por Deus, escolhendo assim o caminho do bem maior’. O fato é que tudo o que o homem busca é o bem. O grande erro na visão de Agostinho é que ele se ilude, se engana e se perde com aquilo que acha que é o belo, o bom e o melhor e assim, o belo prazer acaba tomando o lugar do bem duradouro.

Por fim, a importância da Liberdade interior, é também um dos aspectos que se pode extrair da compreensão agostiniana no que tange a felicidade e que deixa implícito que é necessário aproveitar os limites impostos por ela. Afinal, qual o limite do homem em busca da felicidade? Este limite deve ser o amor. Este amor, na compreensão de Agostinho deve ser superior à exterioridade, é o amor do homem interior que não é limitado pelo espaço, pelos sentidos e pelo tempo. É o amor que toca o coração humano, e o mundo, pois este amor é Deus e a humanidade remete-se ao criador que deve ser amado e buscado: “Feriste meu coração com tua palavra e te amei. Mas também o céu, a terra e tudo quanto neles existe, de todas as partes me dizem que te ame; nem deixa de dizê-lo a todos os homens” (Cf. X, vi, 8).

Considerações finais

A busca pela felicidade tem sido uma constante ao longo da história da humanidade. Para Santo Agostinho, essa busca transcende o mero desejo por prazeres passageiros; é uma aspiração profunda pela plenitude espiritual e pela comunhão com Deus. Em sua filosofia, Agostinho não apenas teorizou sobre a felicidade como um estado de harmonia interior, mas também a situou como o propósito último da existência humana.

No contexto contemporâneo, marcado por relações líquidas e avanços tecnológicos, a reflexão agostiniana sobre a felicidade ganha renovada

relevância. Em uma era caracterizada pela fluidez das conexões humanas e pela predominância do consumo materialista, a busca por uma felicidade duradoura e significativa parece ainda mais desafiadora. Agostinho, ao afirmar que a verdadeira felicidade reside na posse de Deus, oferece uma perspectiva que transcende as limitações temporais e materiais impostas pela modernidade.

A crise identitária contemporânea, exacerbada pela busca frenética por satisfação imediata e pelo individualismo exacerbado, ressalta a pertinência das reflexões agostinianas. Ele nos lembra que a verdadeira felicidade não pode ser encontrada nas conquistas efêmeras ou na acumulação de bens materiais, mas na busca constante pela sabedoria divina e pela harmonia espiritual. Em um mundo onde a busca pela felicidade muitas vezes se confunde com a busca por prazeres superficiais e efêmeros, a filosofia de Agostinho oferece um antídoto poderoso: a busca pela verdade última que se encontra em Deus.

Por fim, as contribuições de Santo Agostinho, tem a nos oferecer em meio a esta era, cuja realidade nos apresenta uma felicidade líquida, que a felicidade existe, tem um nome, um rosto, uma face e que está dentro de cada um de nós, não existindo assim, barreiras que a separe de nós, mesmo que nos esqueçamos de nós mesmos e que somos imagem real de um Deus que é amor e verdade. E que este Deus nos conhece profundamente. A vida feliz desta forma, é viver em Deus, de Deus e por Deus.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios e A vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus: contra os pagãos*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.
- AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. 2. ed. Tradução de Agustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- BERALDI, Adriano Cesar Rodrigues. *Beatitude e sabedoria em Agostinho: estudo sobre as fontes pagãs no De Beata Vita a partir do uso do termo*

- filosofia*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Vitória: UFES, 2010.
- COSTA, Valcicleia Pereira da. *O topos da eudaimonia no discurso ético-político de Platão*. Campinas: UNICAMP, 2004. 247 f. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- DUROZOI, Gérard ; ROUSSEL, Gerard. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Tradução de Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2005. p.187.
- GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GIL, Antônio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GILSON, E. *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2007.
- HOLTE, R. *Béatitude et Sagesse. Saint Augustin et le problème de la fin de l'homme dans la philosophie ancienne*. Paris: Études Augustiniennes, 1962.
- OLIVEIRA, Janduí. *SANTO AGOSTINHO: a busca da verdade e a descoberta da felicidade*. Janduí Evangelista de Oliveira. Recife: UFPE, 2013, 115f. 12. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, João Pessoa, 2013.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- SANGALLI, Idalgo José. *O fim último do homem: eudaimonia Aristotélica à Beatitude Agostiniana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p.9. (Coleção Filosofia; n. 80)
- SANTOS, Danilo. *A Felicidade E Sua Busca No De Beata Vita De Santo Agostinho*. Danilo Nobre dos Santos. Marília-SP: UNESP, 2016, 77f. 12. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Filosofia Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho, Marília, 2016.
- SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de. *Vida Feliz na filosofia de Santo Agostinho*. Josemar Jeremias Bandeira de Souza. João Pessoa: UFPB, 2006, 110 f.12. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.
- TELES, Maria Luiza Silvestre. *Filosofia para jovens: uma iniciação à filosofia*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.